



A IMPORTÂNCIA DAS REDES DIGITAIS NO ENGAJAMENTO POLÍTICO DOS JOVENS DA UNIVERSIDADE DO PORTO: REFLEXÃO SOBRE A ATIVIDADE E PRESENÇA DA POLÍTICA EM PORTUGAL

Luigi Piantavinha
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Resumo

O impacto da Quarta Revolução Industrial com a digitalização do mundo e a internet das coisas é notória na camada da sociedade pós-moderna. Os telemóveis, por exemplo, mudaram a maneira como as pessoas interagem e comunicam com outras no espaço público (Abdel-Aziz et al., 2016). Essas ferramentas digitais são utilizadas frequentemente para manter os usuários informados sobre os acontecimentos e notícias, seja transmitindo-os em telas públicas ou disponibilizados aos mesmos através de redes sem fio a qualquer hora e em qualquer lugar como mostrado por Abdel-Aziz (2016). Estas são especialmente populares entre os jovens, como apresentado pelo Eurostat (2022), em 2021, 95% dos jovens na União Europeia usam internet todos os dias. Os media digitais também têm uma influência profunda no sucesso dos movimentos sociais (Klusener, 2018), como visto em movimentos como #Blackslivematter ou até mesmo o Movimento dos Coletes Amarelos. Ora, dentro deste contexto, buscou-se perceber de que forma as plataformas de redes sociais podem estar relacionadas com o engajamento e a presença política de jovens. Para isso, examinamos a presença da política no cotidiano dessa população para poder compreender o peso deste fator no engajamento político. A partir de dados recolhidos de entrevistas realizadas com uma amostra de 84 jovens universitários em Portugal, analisamos seus hábitos de consumo político (tanto no meio de media digital quanto tradicional) e suas opiniões sobre ativismo político. Descobriu-se que o impacto da internet e dos media digitais não têm uma relação forte com engajamento político; o que relevou, na verdade,

uma tendência já pré-existente: a baixa participação dos jovens portugueses na política, como mostrada por Accornero e Ramos Pinto (2015). Daqueles que têm alguma presença de política no seu cotidiano, a maior parte é de forma indireta – com o telejornal de fundo – e pouquíssimos a buscam ativamente. Dentro desse grupo, o digital é o principal meio de busca política.

Palavras-chave: *ativismo, redes sociais, juventude, política.*

THE IMPORTANCE OF DIGITAL NETWORKS IN THE POLITICAL ENGAGEMENT OF UNIVERSITY STUDENTS: REFLECTION ON THE ACTIVITY AND PRESENCE OF POLITICS IN PORTUGAL

Luigi Piantavinha
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Abstract

The impact of the Fourth Industrial Revolution with the digitization of the world and the internet of things is notorious in the layer of postmodern society. Mobile phones, for example, have changed the way people interact and communicate with others in public space (Abdel-Aziz et al., 2016). These digital tools are often used to keep users informed about events and news, either by broadcasting them on public screens or made available to them over wireless networks anytime and anywhere as shown by Abdel-Aziz (2016). This is especially popular among young people, as shown by Eurostat (2022), in 2021, 95% of young people in the European Union use the internet every day. Digital media also have a profound influence on others in the success of social movements (Klusener, 2018), as seen in movements like #Blackslivematter or even the Yellow Vests Movement. Now, within this context, we sought to understand how social media platforms can be related to the engagement and political presence of young people. For this, we examined the presence of politics in

the daily life of this population to be able to induce the weight of this factor in political engagement. Based on data collected from interviews carried out with a sample of 84 university students in Portugal, we analysed their political consumption habits (both in the medium of digital and traditional media) and their opinions on political activism. The impact of the internet and digital media was found not to have a strong relationship with political engagement, which actually revealed a pre-existing trend: the low participation of young Portuguese people in politics, as shown by Accornero e Ramos Pinto (2015). Of those who have some political presence in their daily lives, most are indirectly - with the television news in the background - and very few actively seek it. Within this group, digital is the main means of political search.

Keywords: *activism, social networks, youth, politics.*

Introdução

O papel das redes digitais na sociedade contemporânea tem instigado várias reflexões e pesquisas. As tecnologias de informação e suas subjacentes plataformas comunicativas podem influenciar e impactar alguns aspetos da sociedade. A forma como socializamos, consumimos, construímos profissões, buscamos empregos ou nos informamos é moldada pela nossa relação com o mundo digital e as plataformas de redes sociais. Apesar disto, é preciso, salientar a importância de um questionamento crítico sobre os desencadeamentos sociais deste poderoso meio de comunicação. Especificamente no campo político, é notável a influência das redes digitais em diversos níveis, mas e no engajamento político? De que maneira os sociólogos podem entender a influência das redes digitais no engajamento político dos jovens universitários?

Como citado por Castells (2004) em *A Galáxia Internet*, a rede é um conjunto de nós interligados, as redes são formas muito antigas da atividade humana, mas atualmente essas redes ganharam uma nova vida, ao converterem-se em redes de informação, impulsionadas pela internet. O conceito sociológico de redes sociais nos ajuda a entender laços, percursos de vida, acesso a recursos e influências de grupo no indivíduo, onde a rede em si tem um poder nas relações sociais. No presente artigo, usaremos o conceito de rede social não no seu sentido sociológico, mas no sentido de plataformas de redes sociais online. Considerando isso, o impacto cultural das redes sociais na política e nas camadas do social é evidente; ora, grandes movimentos de contestação política social, tal como #Blacklivesmatter e o Movimento dos Coletes Amarelos, nasceram nas plataformas online. Nota-se, pois, um engajamento político e ativismo no antro do digital, mas como podemos de fato perceber essa influência? O tema interessa pelo facto de estudarmos jovens universitários, população particularmente mais envolvida nas manifestações políticas ao longo da história e, também, os que mais estão inseridos das redes sociais *online*. As perguntas de partida que norteiam as reflexões e análise dos dados

centram-se no questionamento de qual é o verdadeiro peso das redes sociais *online* no engajamento político dos jovens universitários portugueses? Existe algum diferencial substancial entre os meios digitais e os meios tradicionais no consumo de política? Se existe, podem as plataformas de redes sociais aumentarem a presença da política na vida desses jovens? Tais plataformas poderiam influenciar a atividade política, no sentido da participação e ativismo? A importância deste estudo reside, neste sentido, na atualidade e na relevância da maneira como a política está sendo feita e percebida no *online*. Estes acontecimentos resultantes das interações digitais podem-nos apontar para um caminho mais preocupante. Ora, não muito longe vemos como a ascensão de discursos e movimentos de extrema-direita ganham popularidade e força via internet. A ascensão de um grupo político radical não se dá somente pela ordem tecnológica senão em um contexto social mais complexo. Nesse sentido, é de se sublinhar que, em toda a sua conjuntura, o uso das plataformas digitais é determinado pelo contexto social, pelo que os usos e as apropriações feitas pelos jovens são reflexos das suas distintas realidades.

O objetivo principal deste artigo é, então, perceber a importância das redes sociais *online* para o engajamento político dos jovens universitários, bem como analisar a presença da política na vida desse grupo social. As perguntas de partida foram pensadas para entender em que medida podemos, de facto, relacionar as redes digitais com o engajamento político e se poderíamos traçar alguma relação. A fim de perceber com mais clareza os questionamentos postulados, o trabalho está dividido em três partes. Em um primeiro momento, será desenvolvida uma revisão da literatura que abarca os conceitos chave para este estudo, como o ativismo, o engajamento e as redes sociais *online*. Num segundo momento, apresentarei os dados recolhidos de uma pesquisa feita com 84 estudantes universitários para, a *posteriori*, na terceira e última parte, tecer uma breve conclusão dos dados recolhidos em articulação com os conceitos e textos anteriormente desenvolvidos.

Revisão da Literatura

No escopo da atual era digital e do crescimento em curso das redes *online* no campo da política, o engajamento e atuação política dos jovens tornam-se um tema de importante relevância. Como a vida *online* pode moldar o engajamento político dos mais jovens? Para tentar desenhar um quadro analítico que respondesse ou apontasse pistas sobre esta questão, foi selecionada literatura especializada em temas principais para a abordagem, tais como o ativismo, o engajamento e a relação congruente desses pontos na era digital. Foram priorizados artigos científicos publicados recentemente pois, com a mudança estrutural do tempo-espaço no *online*, há um mais rápido desfasamento de certas análises. No entanto, obras um pouco mais datadas, mas com relevância atual, académica e argumentativa foram também consideradas. Neste ponto, revisitarei a literatura a fim de expor as noções dos conceitos, servindo de suporte analítico para a discussão acerca dos dados recolhidos.

Ativismo político

Nas discussões plenas sobre o ativismo político, encontramos alguns traços explicativos sobre como podemos mapear esta ação social a nível teórico. Poderíamos discutir a função da mesma em relação aos acontecimentos históricos, sobretudo levando em consideração o advento da era digital, contudo, preferimos seguir por um caminho mais analítico sobre o significado do conceito e suas considerações sócio históricas.

Historicamente, o ativismo é um termo relativamente novo, mas o seu uso político pode ser encontrado nas petições suecas para o fim da neutralidade da Primeira Guerra Mundial, em 1915, ou, mesmo antes disso, como representado em produções cinematográficas, no apelo das sufragistas já em 1899 (Marchetti, 2016 in Neumayer, 2021). Mas, podemos ver, ao reconstruir a ação social, que as Ágoras gregas podiam ser entendidas como uma forma de ativismo e atividade política dentro do seio societário, ainda que não fosse reconhecido a partir do termo, o qual tem sido

contestado e mudado (Bevington & Dixon, 2005; Hoofd, 2012; Neumayer, 2021). Num quadro geral, entretanto, a literatura mostra que o ativismo geralmente se refere a uma forma de intervenção liderada por cidadãos que buscam ativamente melhorar a sociedade pelo meio de alteração da política, economia, dos problemas ambientais ou sociais, remetendo-nos, portanto, para a ação direta refletida no espaço público (Bevington & Dixon, 2005; Hoofd, 2012; Neumayer, 2021).

Esse reflexo é sentido em manifestações, protestos, greves, motins e confrontos violentos; em regra, essa é uma parte do todo, pois há um embasamento estratégico que fricciona os indivíduos que levantam seus punhos fechados contra o céu. Todo ativismo pressupõe algum nível de engajamento sobre aquilo que questiona. No caso da política, é necessário entender, ou ao menos sentir, a estrutura política para tecer um pensamento crítico e proposta de mudança. Como veremos posteriormente, o engajamento é uma peça fundamental para entendermos os movimentos sociais, sobretudo pelo fundamento das fontes de informação. Com o surgimento da internet, estudos foram realizados sobre como essas tecnologias foram usadas para mobilizar o apoio a causas específicas, permitindo que atores sociais desconexos apresentassem conjuntamente um discurso coeso para a tomada da ação¹; sublinho, a propósito, a teoria da força dos laços fracos, de Granovetter (1983), refletindo manifestações e movimentos sociais históricos criados a partir de meios virtuais. Na esfera do digital, o ativismo acaba por ser entendido pelos media tradicionais como tecno determinista (Gerbaudo, 2017), o que muito se relaciona com a notoriedade do ativismo digital na imprensa popular – como é o caso do #blacklivesmatter. Todavia, o ativismo digital não se limita nesse sentido. Na verdade, “digital activism is in many ways a combination of several approaches towards protest, visibility, mobilization, and activity” (Hutchinson, 2019, p. 3).

¹ Ver em *Alternative and Activist Media* (2011) de L. Lievrouw e em *The Logic of Connective Action: Digital media and the personalization of contentious politics* (2013) de W. Bennett e A. Segerberg

Engajamento político dos jovens

O ativismo *online* tem em suas bases um conceito basilar, o engajamento cívico que encontra, no campo digital, uma nova maneira de proliferação e crescimento. As plataformas de comunicação digital forneceram um acesso sem precedentes à informação, bem como espaços públicos para grupos e movimentos sub-representados (Schissler, 2021). A capacidade de compartilhar e divulgar informações, petições e recursos em velocidade recorde desmantelou as barreiras ao engajamento e possibilitou o diálogo entre cidadãos e políticos. Contudo, poderíamos de facto perceber a importância das redes digitais no engajamento político dos jovens universitários? Se sim, como?

A literatura referente aos efeitos da evolução tecnológica nas camadas da vida social se diferencia parcialmente em dois aspetos. Por um lado, numa perspectiva negativa, Robert Putnam (2000) atribuíu o declínio do capital social e a subsequente escassez de engajamento cívico à televisão. No digital, entretanto, alguns argumentam que a internet é um fator de isolamento das pessoas (Kraut et al., 1998; Gergen, 2008) ou não tem efeito significativo no que toca ao relacionamento (Richey & Zhu, 2015). Outros, em contrapartida, percebem o meio digital como um viés que impulsiona e estimula o envolvimento com pessoas no *não-digital* (Skoric et al., 2016; Boulianne, 2009 in Piatak & Mikkelsen, 2021). Por sua vez, os resultados da influência do uso dos media digitais no engajamento dos jovens e participação política são mistos, pois as variáveis do tipo de media social e do tipo de engajamento examinado são sempre flutuantes. Muito embora os académicos tenham, de facto, examinado, mais frequentemente, o impacto do uso das tecnologias de informação e comunicação no engajamento e participação política. Piatak e Mikkelsen (2021) afirmam, no entanto, que há uma relação paralelamente proporcional no envolvimento – leia-se engajamento –, dos jovens com a media; isto é, quando mais o uso dos media digitais tem aumentado, menos envolvidos estão os jovens.

Debruçar-nos-emos nas pesquisas sobre a relação entre engajamento e media digitais. Para tal

abordagem, considero essencial compreender as influências das redes digitais no engajamento político dos jovens uma vez balanceado o uso exponencial das plataformas online e das taxas de redução do engajamento entre os jovens de hoje. Como demonstrado, em um estudo feito nos EUA, com dados de votos de jovens nos anos de 2000 a 2012, conclui-se que aqueles com idade compreendida entre 18 e 24 anos têm as taxas mais baixas de votação (Holbein & Hillygus, 2016), mas também são os mais propensos a usar as redes sociais. Na Europa o cenário mostrou-se ligeiramente diferente. A participação nas eleições europeias de 2019 foi impulsionada por um aumento na participação de jovens, sendo mesmo a eleição com maior presença juvenil desde 1994 (Eurobarometer Survey, 2019), sendo este um dos reflexos do engajamento político desta população. Em seguimento, a discussão política no âmbito digital é fortemente encorajada, altamente circulada e, muitas vezes, pobremente embasada. Sem dúvida, o uso da internet molda o nível de engajamento político dos jovens, entretanto, há um fator externo, o *background* do usuário, em termos bourdieusianos, o acúmulo de capital específico, isto é, quanto mais capital cultural e educacional, maior a probabilidade de um eventual uso crítico e político da Internet.

Neste ponto, devemos destacar, como faz Norris (2001), o olhar e examinar a diferença entre aqueles que usam a internet passivamente e aqueles que a usam como um recurso digital para engajar, mobilizar e participar da vida pública. Isso porque o consumo, ainda que seja de política, de forma passiva, não representa um intento individual e coletivo de engajamento, pode ser percebido como um hábito, o olhar mais cauteloso desses pormenores ajuda-nos a entender a importância das redes digitais no engajamento, logo, o uso de media social ou exposição a informações políticas *online* (Tang & Lee, 2013) é diferente do envolvimento político pessoal de um indivíduo *online*. Contudo, alguns académicos argumentam que a influência positiva do engajamento online é maior para aqueles que já estão politicamente engajados (Bimber, 2003; Xenos & Moy, 2007 in Piatak & Mikkelsen, 2021), em alternativa, outros argumentam,

que o *“use of online news sources transforms people into interest and (...) engaged citizens to a greater degree than online news serves as a tool for those already interested in politics”* (Boulianne, 2011 in Piatak & Mikkelsen, 2021), o que confirma o viés do capital pré-estabelecido ao uso.

Em suma, a relação das pesquisas recentes sobre o engajamento político e o ativismo dos jovens tem sido um microcosmo para um debate mais amplo sobre a evolução do engajamento político na era digital. Podemos perceber de antemão que a participação pública em seus formatos tradicionais de engajamento democrático, quais sejam, o voto, o ingresso em partidos políticos e sindicatos, acabam por sentir uma diminuição ao correr dos anos (a flutuação, entretanto, pode variar também a partir dos usos variados dos media digitais). Os desdobramentos são notáveis, há, por um lado, alguns que percebem esta influência de forma mais preocupada onde esses desenvolvimentos possam ser um perigo não só para as nossas instituições democráticas, mas como para a democracia representativa em seu todo, mas também há outros que ajuntam uma percepção positiva, para eles, ao invés de correr um perigo ou declinar, a democracia está sendo transformada e beneficiada pelos motores da Internet (Hong & Kim, 2018).

Engajamento político dos estudantes da Universidade do Porto

Para avaliar a importância das redes digitais no engajamento político dos jovens universitário foram recolhidos dados através de entrevistas realizadas a alunos do ensino superior, em março de 2021. Utilizou-se uma base de dados que continha dados de entrevistas conduzidas por estudantes da Universidade do Porto², realizadas no âmbito da realização da Unidade Curricular da Sociologia da Comunicação e dos Media. As perguntas foram

² Jovens provenientes de diversos cursos, anos curriculares e origens sociais. Os estudantes universitários não serão diferenciados pela tentativa de perceber o uso generalizado dos estudantes universitários.

elaboradas pensando somente a relação direta do jovem com os media, num espaço temporal de 24 horas, independente de outras variáveis que podem influenciar o consumo.

Optou-se pela realização de entrevistas com perguntas abertas, que consistiam na descrição do consumo diário de medias digitais pelos jovens. Foram priorizadas as seguintes situações: atividade *online*; relação do jovem com as redes digitais como instrumento de ativismo; e tipo de media pelo qual consumiu ou teve contacto com a política: tradicionais (televisão, jornais, revistas, livros, rádios) e digitais (telemóvel, computador, tablets, entre outros). No total, realizaram-se 84 entrevistas, 58 das quais com mulheres e 26 com homens, com uma idade média de 21 anos.

Os resultados encontrados após a análise e tratamento de dados foram, sumariamente, interessantes e reveladores no tocante ao consumo de política dos jovens universitários. Notou-se uma tendencial ausência de política na vida dos jovens: dos 84 jovens universitários da cidade do Porto, 63% não menciona buscar contacto com a política no seu cotidiano, sendo que o parco contacto que mantêm se dá maioritariamente via televisão (69%), nomeadamente consumida nas pausas do almoço e jantar. Quando questionados sobre o objetivo desse consumo na televisão, a obtenção de informação é a segunda razão mais comum (41,7%), atrás do entretenimento (47,6%). No que diz respeito ao ativismo, mesmo aqueles que não mencionaram ter algum contacto com a política no cotidiano, 30,9% das pessoas disseram ver a sua relação com a internet como forma de ativismo político, o que nos revela algum traço de interpretação sobre o que é o ativismo político. Por exemplo, como mostrado na revisão da literatura, essa manifestação vai muito além de greves ou confrontos calorosos, pelo que o ativismo digital representa qualquer protesto ou atividade de cunho político. Assim, manifestar apoio a causas raciais é considerada pelos jovens entrevistados uma forma de ativismo. Nesse mesmo sentido, uma manifestação racista ou homofóbica também é ativismo digital. Para além disso, é de se notar que uma ação ativista pode não ser percebida enquanto ativismo e por isso a leitura dos dados

não é precisa, pois peca também na interpretação dos próprios jovens sobre o termo e suas atividades online.

Por sua vez, quando os jovens mencionam ter *algum* tipo de consumo de política no seu cotidiano (37%), a sua maioria dá-se através dos meios tradicionais (81%), sendo também a televisão o meio mais comum. O uso do digital está presente em 48% dos casos e somente 13% usam exclusivamente as redes digitais para o consumo de política. Dentro do consumo de política através dos dispositivos digitais, os comentários mais comuns feitos pelos jovens revelam a busca por notícias sobre a situação portuguesa, as próximas manifestações do partido comunista, o que algum político do partido que apoiam disse sobre certo assunto e buscavam podcasts falando sobre um tema relevante na política europeia. Notou-se, também, que quando a presença da política na vida dos jovens universitários se dá através dos meios tradicionais de comunicação, nomeadamente a televisão, a maior parte é por consumo passivo, ou seja, no momento de almoço e jantar, onde a televisão está ligada de fundo passando algum conteúdo relacionado. Por fim, quase metade destes jovens (48,3%) não comentou o ativismo como um instrumento relevante das redes digitais, ainda que 44,8% sejam digitalmente ativos. Logo, não podemos traçar uma relação direta entre presença política, ativismo e atividade digital. Somente 14,3% dos entrevistados mencionam procurar política de forma ativa, sendo o principal meio de busca é o digital.

Conclusão

Haja visto a tendente ausência de política no cotidiano dos jovens universitários do Porto, podemos tecer algumas considerações sobre a importância das redes digitais no engajamento político dos jovens universitários. Ainda que, pelas suas próprias características e limitações, os resultados deste trabalho não possam ser extrapolados para o universo de estudo e, por outro lado, se reconheça que a análise do fenómeno carece de um aprofundamento ao nível do papel da internet no

consumo de informação sobre política, mas também das distintas realidades e origens sociais que influenciam as tendências observadas, os relatos dos jovens entrevistados da Universidade do Porto são reveladores de alguns traços relacionais que este grupo etário mantém com os media digitais e a política, nomeadamente no que diz respeito ao baixo nível de contacto com a política no seu quotidiano. Mas a tendencial ausência da política no cotidiano dos jovens universitários não é uma realidade nova. Tal como na premissa de Piatak e Mikkelsen (2021) e se observa nos resultados do estudo de Accornero e Pinto (2015), esta é uma tendência que já estava posta antes da era digital. O que aqui os relatos nos fazem perceber também é que a rede digital não parece funcionar como um diferencial no engajamento político.

Destacamos, portanto, as tendências apresentadas na análise das entrevistas: (1) O ativismo entre os jovens universitários é limitado e o contacto com política no cotidiano não estimula necessariamente a busca ativa. (2) Os meios tradicionais tendem a ter muita força na presença da política na vida dos jovens universitários, mas as redes digitais inclinam-se como principais fontes de uso para a busca ativa da política. (3) A consequência do uso das redes digitais para o consumo da política encaminha para um papel paradoxo: sendo aparentemente importante para o maior engajamento dos já politicamente engajados, mas pelo funcionamento do algoritmo, projetada para recomendações personalizadas aos consumidores a partir dos interesses dos mesmos, afasta aqueles que não a buscam como fonte principal, intensificando sua tendência polarizadora, como apresentado por Bartlett (2018).

Referências Bibliográficas

- Abdel-Aziz, A., Abdel-Salam, H., & El-Sayad, Z. (2016). The role of ICTs in creating the new social public place of the digital era. *Alexandria Engineering Journal*, 55(1), 487-493. doi: 10.1016/j.aej.2015.12.019
- Accornero, G., & Ramos Pinto, P. (2015). 'Mild Mannered'? Protest and Mobilisation in Portugal under Austerity, 2010–2013. *West European Politics*, 38(3), 491-515. doi: 10.1080/01402382.2014.937587

- Bartlett, J. (2018). *The people vs tech*. Penguin Books.
- Bevington, D., & Dixon, D. (2005). Movement-relevant Theory: Rethinking social movement scholarship and activism. *Social Movement Studies*, 4(3), 185-208. <https://doi.org/10.1080/14742830500329838>
- Bimber, B. (2003). *Information and American democracy: Technology in the evolution of political power*. University Press.
- Boulianne, S. (2009). Does internet use affect engagement? A meta-analysis of research. *Political Communication*, 26(2), 193-211. <https://doi.org/10.1080/10584600902854363>
- Castells, M. (2004). *A galáxia da internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Eurostat. (2022). *Being young in Europe today - digital world - Statistics Explained*. https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Being_young_in_Europe_today_-_digital_world&oldid=566905
- Eurobarometer Survey (2019) Have the 2019 European elections entered a new dimension?. European Union. <https://www.europarl.europa.eu/at-your-service/en/be-heard/eurobarometer/2019-european-elections-entered-a-new-dimension>
- Gerbaudo, P. (2017). From cyber-autonomism to cyber-populism: An ideological history of digital activism. *Triple C: Communication, Capitalism & Critique*, 15(2), 478-491. <https://doi.org/10.31269/triplec.v15i2.773>
- Gergen, K. J. (2008). Mobile communication and the transformation of the democratic process. In Katz, J. E. (Org.), *Handbook of mobile communication studies*. (1ª ed., pp. 297-310). The MIT Press
- Granovetter, M. (1983). The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited. *Sociological Theory*, 1, 201-233. <https://doi.org/10.2307/202051>
- Holbein, J. B., & Hillygus, D. S. (2016). Making young voters: The impact of preregistration on youth turnout. *American Journal of Political Science*, 60(2), 364-382. <https://doi.org/10.1111/ajps.12177>
- Hong, S., & Kim, N. (2018). Will the internet promote democracy? search engines, concentration of online news readership, and e-democracy. *Journal of Information Technology & Politics*, 15(4), 388-399. <https://doi.org/10.1080/19331681.2018.1534703>
- Hoofd, I. M. (2012). *Ambiguities of Activism: Alter-globalism and the imperatives of speed*. Routledge.
- Hutchinson, J. (2019). Micro-platformization for digital activism on social media. *Information, Communication & Society*, 24(1), 35-51. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2019.1629612>
- Kraut, R., Patterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukhopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). Internet paradox: A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, 53(9), 1017-1031. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.53.9.1017>
- Marchetti, G. (2016). Activism. *Journal of Chinese Cinemas*, 10(1), 4-7. <https://doi.org/10.1080/17508061.2016.1144705>
- Neumeyer, C. (2021). Activism. In Baker, M., Blaagaard, B., Jones, H., & Pérez González, L. (Orgs.), *The Routledge encyclopedia of citizen media*. (1ª ed., pp. 12-19). Routledge
- Norris, P. (2001). *Digital divide: Civic engagement, information poverty, and the internet worldwide*. University Press.
- Piatak, J., & Mikkelsen, I. (2021). Does Social Media Engagement Translate to Civic Engagement Offline? *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 50(5), 1079-1101. <https://doi.org/10.1177%2F0899764021999444>
- Putnam, R. D. (2000). *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. Simon & Schuster.
- Richey, S., & Zhu, J. (2015). Internet access does not improve political interest, efficacy, and knowledge for late adopters. *Political Communication*, 32(3), 396-413. <https://doi.org/10.1080/10584609.2014.944324>
- Schissler, L. (2021). *Engaging in the Digital Age: An Analysis of the role of Social Media in Activism and Social Movements*. Boston University.
- Skoric, M. M., Zhu, Q., Goh, D., & Pang, N. (2016). Social media and citizen engagement: A meta-analytic review. *New Media & Society*, 18(9), 1817-1839. <https://doi.org/10.1177%2F1461444815616221>
- Tang, G., & Lee, F. L. (2013). Facebook use and political participation. *Social Science Computer Review*, 31(6), 763-773. <https://doi.org/10.1177%2F0894439313490625>
- Xenos, M., & Moy, P. (2007). Direct and differential effects of the internet on political and civic engagement. *Journal of Communication*, 57(4), 704-718.

Luigi Piantavinha. Mestrando em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Email: szochoralewicz@hotmail.com

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 24 de janeiro de 2022. Aprovado para publicação em 20 junho 2022.